



O *Professor-Militante* e a Reinvenção da Educação Matemática em Diálogo com os Cadernos de Educação do MST

The Militant Teacher and the Reinvention of Mathematics Education in Dialogue with the MST's Education Notebooks

Lucas Rodrigues da Silva^[1] • Carolina Tamayo^[2]

Resumo: Este texto é um recorte de uma pesquisa que dialoga com o processo formativo do *professor-militante* a partir dos ideários do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), refletindo sobre sua contribuição para a formação docente em Matemática. O texto parte da análise dos Cadernos de Educação do MST, com foco no Caderno nº 8: *Princípios Filosóficos e Pedagógicos do MST*. A fundamentação teórica entende o *professor-militante*, apoiado no filósofo Sílvio Gallo, como sujeito coletivo que constrói possibilidades de transformação em diálogo com a militância e com seus estudantes. A metodologia articula análise documental, guiadas pela cartografia sentimental. Os resultados indicam que a proposta do MST tensiona a neutralidade da Matemática Ocidental e afirma a docência como prática política. Conclui-se que formar professores em diálogo com o MST implica desaprender modelos cristalizados de formação de professores e aprender modos de ensinar comprometidos com a luta social e anticapitalista.

Palavras-chave: Professor-militante. Formação docente. MST. Educação Matemática

1. Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), desde sua fundação em 1984, tem se constituído não apenas como um movimento social de luta pela reforma agrária, mas também como um Movimento educador, organizado por trabalhadoras e trabalhadores do campo que compreendem a educação como ferramenta política de transformação social. Para o MST, a escola, o acesso ao conhecimento e a própria organização da classe trabalhadora são dimensões indissociáveis de sua prática pedagógica (Caldart, 1997). Como base curricular de sua escola própria o Movimento elabora 14 Cadernos de Educação, entre os anos de 1992 até 2017. Estes cadernos, em sua totalidade, serão analisados nesta pesquisa de mestrado como um primeiro movimento da investigação, com a finalidade de compreender a educação que o MST sonha e tem construído. Num segundo movimento será elaborada uma cartografia sentimental

¹ Universidade Federal de Minas Gerais • Belo Horizonte, MG — Brasil • ✉ lucasrodriguessilva221@gmail.com • ORCID <https://orcid.org/0009-0001-9022-589X>



(Barros, Kastrup, 2009) das experiências de professoras(es) na escola da ocupação do MST que se localiza em São Joaquim de Bicas- MG região metropolitana de Belo Horizonte. A Escola Estadual, localizada no acampamento, integra a luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra pela reforma agrária e, atualmente, possui ensinos fundamental 1 e 2, além do Ensino Médio e EJA e possui em média 153 estudantes (MST, 2019).

Nesta comunicação, aborda-se de maneira mais detida o Caderno de Educação nº 8: *Princípios da educação no MST*, entendemos este caderno como uma síntese dos fundamentos que orientam a prática pedagógica e filosófica do Movimento. Aos nos colocar na condição de aprendizes de uma escola sonhada por um Movimento Social, compreendemos que o diálogo entre a formação docente em Matemática e a militância no Acampamento Pátria Livre pode contribuir para (re)pensar o que a formação em Matemática precisa desaprender para aprender junto a essas práticas. Para Gallo (2014),

Qual o sentido hoje desse professor militante, o que seria ele? Penso que seria não necessariamente aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas sim aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas *produzir a possibilidade do novo*. Nesse sentido, o professor seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria de seus alunos, seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas uma miséria econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os alunos não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma série de misérias outras. O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente. Essa é a chave da ação do militante. Sempre uma construção coletiva. Talvez o profeta seja mais aquele que anuncia do ponto de vista individual (p.170).

Então, entendemos que a educação que o MST propõe, e as práticas pedagógicas dos seus *professores-militantes* podem perturbar a universalidade e a neutralidade das práticas educativas promovidas por políticas públicas homogeneizantes de formação de professores.

Deste modo, esta pesquisa se orienta pela seguinte questão: *O que a Educação Matemática pode desaprender para aprender, a partir das experiências de professores-militantes do MST, para construir uma formação outra de professores que problematizem matemáticas, em diálogo com a Etnomatemática, a interculturalidade e a decolonialidade, alinhada à luta anticapitalista?*



2. Contextualização Cadernos da Educação do MST

Logo após a consolidação do MST em 1984, o Movimento considerou importante, em 1987, criar o Setor de Educação, que se encarregou de elaborar documentos próprios, sistematizando propostas formativas alinhadas ao projeto político da luta por reforma agrária no Brasil. Nesse sentido

A criação de um Setor de Educação dentro do MST formaliza o momento em que esta tarefa foi intencionalmente assumida. Isto aconteceu em 1987. E a partir de sua atuação o próprio conceito de escola aos poucos vai sendo ampliado, tanto em abrangência como em significados. Começamos lutando pelas escolas de 1ª a 4ª série. Hoje a luta e a reflexão pedagógica do MST se estende da educação infantil à Universidade, passando pelo desafio fundamental de alfabetização dos jovens e adultos de acampamentos e assentamentos, e combinando processos de escolarização e de formação da militância e da base social Sem Terra (Caldart, 2003, p. 62).

Entre diversos documentos, os Cadernos da Educação constituem-se em uma coleção que expressa a memória, as práticas e os princípios pedagógicos do MST. Entre eles estão o Caderno 1 - *Como fazer a escola que queremos*, o Caderno 2 - *Alfabetização*, o Caderno 3 - *Alfabetização de Jovens e Adultos: Como organizar*, o Caderno 4 - *Didática da linguagem*, o Caderno 5 - *Educação Matemática*, o Caderno 6 - *O planejamento*, o Caderno 7 - *Jogos e brincadeiras infantis*, o Caderno 8 - *Princípios da educação no MST*, o Caderno 9 - *Como fazemos a escola de educação fundamental*, o Caderno 10 - *Ocupando a Bíblia*, o Caderno 11 - *Sempre é tempo de aprender*, o Caderno 12 - *Educação infantil: Movimento da vida, dança do aprender*, o Caderno 13 - *Dossiê MST Escola: Documentos e Estudos (1990–2001)* e o Caderno 14 - *Educação no MST: Memória Documentos 1987–2015*.

Dessa forma, tomados em sua totalidade, esses materiais se configuram como fonte privilegiada para a compreensão da proposta educativa sonhada e construída pelo Movimento. Como expressado anteriormente, um dos movimentos desta pesquisa é a análise documental destes cadernos, em que dialogamos com a proposta de *professor-militante* do Professor e Filósofo Silvio Gallo, com a proposta pedagógica e de identidade do professor pretendido pelo MST.

3. Caderno de Educação nº 8 - Princípios Pedagógicos e Filosóficos do MST na formação identitária de um Professor em movimento



Então, sempre que montamos o chamado currículo da escola ou o programa de um curso, mesmo que não pensemos sobre isso, estamos sempre fazendo uma seleção de conteúdos. Às vezes não somos nós que fazemos esta escolha; outros a fazem. É assim quando a Secretaria da Educação fornece à escola a chamada "lista mínima de conteúdos" a serem trabalhados em cada série, por exemplo. Ou agora, quando o Governo Federal está estabelecendo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a serem seguidos por todas as escolas do país. De qualquer modo, sempre há ainda uma margem de escolha, à medida que podemos, enquanto educadoras/educadores, no conjunto da nossa prática pedagógica, priorizar alguns conteúdos mais do que outros. É neste sentido que precisamos ter bem claro, que esta escolha não é neutra. Ela tem a ver com nossos objetivos educacionais e sociais mais amplos. Não podemos esquecer que os conhecimentos (que aparecem sistematizados nos chamados conteúdos de ensino) são produzidos socialmente. Por isso eles têm incorporados interesses sociais, posições políticas (Caderno de Educação n°8: Princípios na Educação do MST, 1996, p.15)

A (re)construção da Escola, da identidade do Professor pelo MST, perpassa pela formação de um sujeito capaz de transgredir, um professor alinhado com a luta pela reforma agrária, mas que pode, em qualquer canto do Brasil, alinhado com as lutas de seu território, adentrar às frestas dos currículos, das políticas públicas neoliberais hegemônicas de Educação. Um *professor-militante* que carregue em seu corpo, a capacidade de questionar a ordem imposta, a neutralidade da Matemática Ocidental, seu lugar político, ético, estético.

Um *professor-militante* constrói sua subjetividade em processos de formação transgressores, subalternos, marginais, formação que se faz também em movimentos, que se dá nas relações de um espaço-tempo macro e ao mesmo tempo infinitesimal. uma Educação menor (Gallo, 2002). Em diálogo com o MST, aprendemos o que pode na prática um Professor em militância, que entenda que existam “questões mais importantes e menos importantes a serem incluídas num currículo voltado aos interesses dos trabalhadores, levando em conta um determinado tempo e um determinado espaço social onde este estudo vai acontecer” (Cadernos de Educação n° 8, MST, 1996, p.15). Para isso, a importância de uma formação ampla, interdisciplinar, também é fundamental para o Professor do MST, já que para o Movimento

Novamente aquele detalhe importante: um educador/uma educadora que é pobre de conteúdos, que tem pouco acúmulo de conhecimentos, não será capaz de fazer uma seleção de conteúdos de ensino, nesta perspectiva. Por isso, melhorar e ampliar a nossa formação, e desenvolver processos mais coletivos de decisão sobre estas escolhas são desafios fundamentais para implementação destes princípios! (Caderno de Educação n° 8: Princípios da Educação no MST, 1996, p. 15).



Aqui, o MST nos ensina que a luta também se faz entre a profetização e a militância, o Professor-Profeta e o Militante podem coexistir no sistema-corpo, mas o Professor Militante é capaz de retornar à superfície, não se deixa afogar no conteudismo, na burocracia tecnocrática. O militante é aquele que reivindica e luta por justiça social, mobilizando sua indignação em formas de organização coletiva. É um sujeito que encontra, no coletivo, a possibilidade de libertação, exercendo a capacidade de reinventar e transgredir qualquer espaço marcado pela opressão. Seu horizonte é um projeto de sistema-mundo orientado à superação do Capitalismo e, portanto, a colonialidade do Poder, Saber e Ser (Quijano, 2019). Trata-se, assim, de um corpo político que interpela a pretensa neutralidade, universalidade e acriticidade da Escola, da sala de aula, da prática pedagógica. Um *professor-Militante* é capaz de se colocar em um processo de descolonização do inconsciente, capaz de praticar o pensamento em sua plena função: “indissociavelmente ética, estética, política, crítica e clínica. Isto é, reimaginar o mundo em cada gesto, palavra, relação com o outro (humano e não humano), modo de existir – toda vez que a vida assim o exigir” (Rolnik, 2019, p. 197).

O processo formativo do professor do MST se constitui na medida em que o Movimento reivindica e propõe um modo próprio de Educação, em que a existência e a luta constitui a subjetividade do sujeito Sem Terra. Os Princípios Filosóficos e Pedagógicos do Movimento nos colocam em sintonia com um professorar que,

chegar a ser militante! Esta é a meta; porque nada mais efetivo no aprendizado político do que pertencer a uma organização. Pertencer a uma organização é assumir seu caráter, seus princípios, seus objetivos, e estar disposto a realizar as tarefas que lhe são confiadas. É como estar ligado numa nova família, maior, e por isso mais cheia de conflitos, de desafios, mas também de conquistas, de alegrias, de vitórias, de afetos. Esta é, sem dúvida, uma dimensão fundamental de uma educação que se pretenda comprometida com a transformação social. E será tanto mais pedagogicamente eficaz, se for compartilhada por educadores/educadoras e educandos/educandas (Caderno de Educação nº 8: Princípios da Educação no MST, 1996, p. 18).

Nesse sentido, a importância de que o *professor-militante* não atue sozinho, atua em coletivo, em sala de aula com seus alunos, na Universidade com os colegas pesquisadores, em pesquisa, com os pares. Um indivíduo que não se confunde com o individual, “mas sim como sujeito de relações, com outras pessoas, com coletivos, e com um determinado contexto histórico, social” (Caderno de Educação nº 8: Princípios da Educação no MST, 1996, p.23).



4. Referências

CALDART, Roseli Salete. *Educação em movimento: formação de educadoras e educadores no MST*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 25-38, 2002.

MOVIMENTO SEM TERRA. *Princípios da Educação no MST*. São Paulo: MST, 1996. (Caderno da Educação, n. 8).

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Leni (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

QUIJANO, Aníbal; MIGNOLO, Walter D. Aníbal Quijano: *ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ediciones del signo, 2019.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. n-1 edições, 2019.